

CARDIOMIOPATIA HIPERTRÓFICA EM FELINO (HCM): UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Gabriela Veloso MACHADO¹; Alawany Lopes Tome de ANDRADE¹; Mayra Regina de Oliveira RAMOS¹; Daniela Maria Bastos de SOUZA².

Palavras-chave: HCM felina; Cardiopatia; Cardiomiopatia; Diagnóstico.

A cardiomiopatia hipertrófica felina (HCM) é a alteração cardíaca mais frequente em felinos, caracterizada por hipertrofia concêntrica do ventrículo esquerdo, evoluindo para uma insuficiência cardíaca congestiva, tromboembolismo arterial e até mesmo morte súbita. Embora muitos pacientes permanecem assintomáticos, é fortemente suspeito quando o animal apresenta taquipneia, dispneia, edema pulmonar, angústia respiratória, cianose, tromboembolismo arterial; além de sinais inespecíficos como letargia, anorexia, vômito intermitente e perda de peso. Na maioria dos casos, tem origem congênita e hereditária, causada por mutações genéticas (A31P e R820W), especialmente em raças como *Maine Coon* e *Ragdoll*, que afetam as proteínas contráteis do miocárdio, levando a alterações na função mecânica e remodelação miocárdica. Essas alterações resultam na hipertrofia concêntrica do ventrículo esquerdo, produzindo consequências sistêmicas em níveis hemodinâmicos, elétricos e trombóticos. O diagnóstico é clínico-imagiológico, baseado no eletrocardiograma, Holter 24h, e ainda, em ecocardiograma e radiografia torácica. Pode-se utilizar biomarcadores, como troponina I, para auxiliar na diferenciação de HCM e pseudomiocardiopatas em estágios iniciais. O diagnóstico definitivo requer a identificação criteriosa dos achados clínicos e ecocardiográficos compatíveis, associado à exclusão sistemática de diagnósticos diferenciais, como o hipertireoidismo felino, que podem cursar com alterações cardíacas semelhantes. O tratamento é individualizado, sendo dividido em abordagens tradicionais e em novas terapias em estudo. Em casos de insuficiência cardíaca congestiva, utiliza-se diuréticos com o objetivo de reduzir o edema pulmonar e o acúmulo de fluidos. Nos casos não obstrutivos, os bloqueadores dos canais de cálcio são indicados para promover melhora do relaxamento miocárdico e controle da frequência cardíaca. Em gatos com dilatação atrial esquerda significativa e histórico de tromboembolismo arterial, recomenda-se o uso de agentes antiplaquetários para reduzir o risco de eventos tromboembólicos recorrentes. De acordo com estudos recentes, o uso de inibidores seletivos da miosina cardíaca, tem demonstrado melhora na função diastólica por meio da otimização do relaxamento ventricular e redução da obstrução do trato de saída do ventrículo esquerdo com cardiomiopatia hipertrófica obstrutiva. Paralelamente, o sirolimus (rapamicina), tem sido investigado experimentalmente por sua capacidade de promover regressão da hipertrofia ventricular e reduzir o remodelamento patológico, contribuindo para melhora estrutural e funcional do miocárdio. Além disso, recomenda-se um manejo *cat friendly* para minimizar o estresse, aliado ao monitoramento ecocardiográfico seriado e à utilização de biomarcadores cardíacos, com o objetivo de otimizar a estratificação de risco e o manejo terapêutico. Diante disso, torna-se evidente a realização de diagnóstico precoce, como também, de uma abordagem individualizada e o acompanhamento contínuo para assim promover uma qualidade de vida aos felinos. Estas são abordagens essenciais para garantir bem-estar ao paciente e possibilitar a redução de complicações associadas a HCM.

Referências Bibliográficas:

¹Graduanda do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Email para correspondência: gabriela.velosom@ufrpe.br

²Docente do Curso de Medicina Veterinária, Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

COFARU, A.; MURARIU, R.; POPA, T.; PEȘTEAN, C. P.; SCURTU, I. C. The Unseen Side of Feline Hypertrophic Cardiomyopathy: Diagnostic and Prognostic Utility of Electrocardiography and Holter Monitoring. **Animals (Basel)**, v. 14, n. 15, p. 2165, 25 jul. 2024. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-2615/14/15/2165>. Acesso em: 19 maio 2025.

GAIA DE SOUSA, F.; MENDES, A. C. R.; CARVALHO, L. P.; BEIER, S. L. Clinical-Diagnostic and Therapeutic Advances in Feline Hypertrophic Cardiomyopathy. **Veterinary Sciences**, v. 12, n. 3, p. 289, 19 mar. 2025. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2306-7381/12/3/289>. Acesso em: 19 maio 2025.

RISHNIW, M. How much protection does clopidogrel provide to cats with hypertrophic cardiomyopathy? **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 262, n. 10, p. 1422–1424, 19 jun. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.2460/javma.24.04.0269>. Acesso em: 19 maio 2025.

SHARPE, A. N. et al. Effects of Aficamten on cardiac contractility in a feline translational model of hypertrophic cardiomyopathy. **Scientific Reports**, v. 13, n. 1, p. 32, 2 jan. 2023. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-022-26630-z>. Acesso em: 19 maio 2025.

KAPLAN, J. L. et al. Delayed-release rapamycin halts progression of left ventricular hypertrophy in subclinical feline hypertrophic cardiomyopathy: results of the RAPACAT trial. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 261, n. 11, p. 1628–1637, 26 jul. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.2460/javma.23.04.0187>. Acesso em: 19 maio 2025.

KAPLAN, J. L.; RIVAS, V. N.; CONNOLLY, D. J. Advancing Treatments for Feline Hypertrophic Cardiomyopathy: The Role of Animal Models and Targeted Therapeutics. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v. 53, n. 6, p. 1293–1308, nov. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2023.05.011>. Acesso em: 19 maio 2025.

KITTLESON, M. D.; CÔTÉ, E. The Feline Cardiomyopathies: 2. Hypertrophic cardiomyopathy. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 23, n. 11, p. 1028–1051, nov. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1098612X211020162>. Acesso em: 19 maio 2025.

¹Graduanda do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Email para correspondência: gabriela.velosom@ufrpe.br

²Docente do Curso de Medicina Veterinária, Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco.